

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CONTEXTO RIBEIRINHO AMAZÔNICO

Adriana Ramos dos Santos*
Eunice Schilling Trein**

RESUMO: O presente artigo traz à cena um olhar amazônico e, dentre as diversas “Amazônias”, focaliza a Amazônia acreana, evidenciando a realidade educacional, social e ambiental da comunidade ribeirinha do Miritizal situada às margens do rio Juruá no Município de Cruzeiro do Sul-Acre. No percurso metodológico investigativo foi utilizada a entrevista semi-estruturada com os professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental da Escola Nise Varela e também com a comunidade ribeirinha que teve um universo de dez unidades familiares. A entrevista deu enfoque aos aspectos socioeconômicos, qualidade ambiental e relação dos moradores com o ambiente local. Os resultados da pesquisa mostraram que a população ribeirinha entrevistada considerou o meio ambiente e os problemas ambientais em relação aos aspectos de saneamento básico. Na escola ribeirinha, os professores buscam incorporar a temática ambiental nos conteúdos programáticos de suas disciplinas e o desenvolvimento de projetos com temas que permeiam a Educação Ambiental é uma prática que vem acontecendo com intensa frequência.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia. Educação ambiental. Ribeirinhos.

* Professora da Universidade Federal do Acre (UFAC). Mestranda em Educação (UFF). Avenida 17 de Novembro, 217. Morro da Glória, Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: adrianaramoss@hotmail.com

** Doutora em Educação e professora da Universidade Federal Fluminense (UFF). Niterói, Rio de Janeiro, Brasil. E-mail: eunicetrein@ig.com.br

Recebido em: 10/09/2010 Avaliado em: 21/09/2010

ENVIRONMENTAL EDUCATION IN THE AMAZON RIVERSIDE CONTEXT

ABSTRACT: This article brings to the scene a look at the Amazon, and, among the several “Amazons,” focuses on the Acre Amazon, highlighting the educational, social and environmental reality of Miritizal, a riverine community located along the Juruá river, in the town of Cruzeiro do Sul- Acre. In the methodological approach we used investigative semi-structured interviews with teachers from 1st to 5th years of elementary school at Escola Nise Varela, and also with the riverine community which had a population of ten family units. The interviews focused the socioeconomic aspects and environmental quality, as well as the residents’ relationship with the local environment. The survey results showed that the people interviewed considered the riverine environment and environmental problems in relation to aspects of sanitation. At that riverside school, teachers seek to incorporate environmental themes in the syllabus of their courses and the development of projects with themes that permeate the Environmental Education is a practice that has been happening with intense frequency.

KEY WORDS: Amazon. Environmental education. Riverine.

A Amazônia, especialmente a região do Vale do Juruá, contempla realidades sociais e educacionais diversas, que compõem a complexa sociodiversidade amazônica, na qual a “pluralidade cultural convive com a exuberância natural e biológica da região, marcada por matas verdejantes e rios caudalosos” (LOUREIRO, 2009, p.12). Diante de tal cenário, esse artigo traz à cena um olhar amazônico, e, dentre as diversas “Amazônias”, focaliza a Amazônia acreana ribeirinha, evidenciando a realidade educacional, social e ambiental da comunidade ribeirinha do Miritizal situada às margens do rio Juruá no Município de Cruzeiro do Sul-Acre.

CONHECENDO A AMAZÔNIA, O ESTADO DO ACRE E O MUNICÍPIO DE CRUZEIRO DO SUL

Na região Norte do Brasil está situada 54% da Amazônia Brasileira. A heterogeneidade humana da Amazônia é uma de suas características marcantes, pois a mesma é constituída por pessoas que vivem no espaço urbano e rural - caboclos, povos indígenas, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos das florestas, trabalhadores sem terras, assentados, pequenos agricultores, colonos, imigrantes, entre outros. Abriga diferentes povos, constitui um espaço de encontro entre diversas

culturas, que formam e enriquecem a cultura amazônica, que ao mesmo tempo é plural e singular.

Compreender o espaço amazônico requer que não esqueçamos que aqui vivem sujeitos que têm uma raiz cultural própria, tecem suas práticas na relação direta com a natureza, seja com a mata, rios, igarapés e lagos, entrelaçando-os no seu próprio modo de viver, no vocabulário e nos termos que usam para traduzir suas vivências e adaptação aos ecossistemas (CORRÊA, 2003, p.32) e nesses processos que produzem sua existência vão também se produzindo como seres humanos.

A Amazônia acreana retrata uma complexa sociobiodiversidade, na qual a variedade de linguagens, a multiplicidade de culturas que foram trazidas para a região por habitantes vindos de várias outras partes do país e do mundo e a riqueza biológica e cultural local constituem uma diversidade multicultural importante, que não pode deixar de ser considerada, quando se analisam as formas de ser, estar, fazer e conviver nessa região. A Amazônia não pode ser vista de forma homogeneizada, por esse motivo queremos desvelar o universo ribeirinho, levando em consideração sua realidade social, educacional e principalmente ambiental.

O Estado do Acre está localizado no extremo oeste do Brasil, em uma área de transição entre a Cordilheira dos Andes e as terras baixas amazônicas. A Amazônia Sul - Ocidental é caracterizada pela presença de rios barrentos e meândricos, com cursos instáveis e terreno relativamente plano, exceto em partes da bacia do Alto Juruá, cuja topografia mais acidentada revela morros, rochas e cachoeiras.

A ocupação das terras do Acre se deu primeiramente através dos rios, em cujas margens formaram-se os seringais e, posteriormente, as sedes dos primeiros municípios do Estado. Com a queda da economia da borracha houve uma considerável migração dos seringueiros dos centros produtores para as margens. Foi às margens dos rios Acre, Purus, Iaco, Envira, Tarauacá, Juruá e seus afluentes que se estabeleceu uma forma de organização social onde o principal meio de transporte é fluvial. A maior parte da população ribeirinha do Acre está estabelecida nas regionais do Juruá e do Tarauacá/Envira, onde buscam diversificar uma economia de subsistência através do cultivo de frutas, hortaliças e criação de pequenos animais, complementando com a caça, a pesca e o extrativismo vegetal.

A cidade de Cruzeiro do Sul fica à margem esquerda do rio Juruá, localizada no oeste do Estado do Acre, e é a segunda maior cidade do Estado, estando a 648 km da capital Rio Branco, além de fazer fronteira com o Peru. O município tem uma área total de 7.848,44 Km² e uma população de aproximadamente 87 mil habitantes¹. É considerada a capital do Vale do Juruá, por estar localizada na zona fisiográfica desse

1 Dados obtidos no site: <http://www.ibge.gov.br>

vale, limitando-se ao norte com o Estado do Amazonas, ao sul com o município de Porto Walter, a leste com o município de Tarauacá e a oeste com os municípios de Mâncio Lima, Rodrigues Alves e com o Peru. A cidade tem 105 anos e encontra-se até hoje dependente quase que exclusivamente do transporte fluvial e aéreo para suas relações mais constantes com outras regiões.

O clima do município é, em geral, quente. A temperatura apresenta máximas de 30° C e mínimas de 20° C. A região possui um clima quente e úmido com duas estações, a seca e a chuvosa: a primeira estende-se de maio a outubro e a segunda, caracterizada por chuvas constantes, prolonga-se de novembro a abril.

O extrativismo da borracha foi, até o início do século XX, a principal atividade econômica desenvolvida no município. Atualmente, a farinha é o principal produto da atividade econômica, sendo uma das melhores da região e muito apreciada no sul do país. Nos últimos anos, as atividades econômicas do município estão voltadas também para atividades extrativistas, para o agronegócio e para a produção e comercialização de bens e serviços. Até hoje, o Acre ainda é considerado um Estado isolado do resto do país, onde o melhoramento das estradas é um sonho regional.

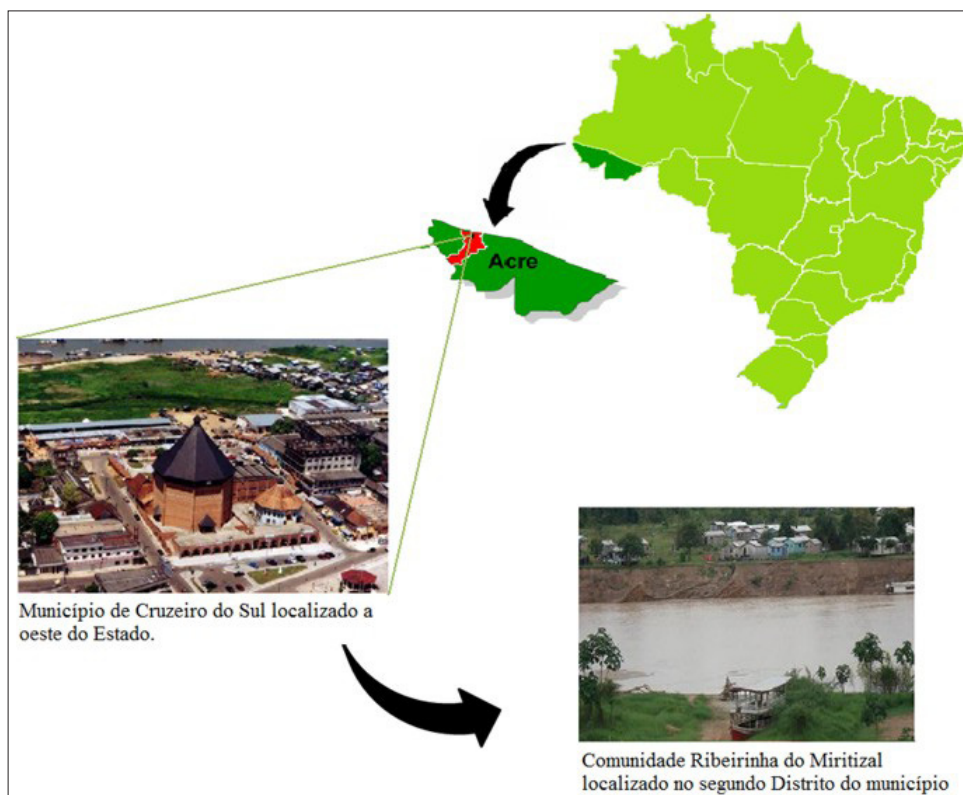
A comunidade ribeirinha do Miritizal está localizada à margem direita do rio Juruá no município de Cruzeiro do Sul, no Estado do Acre, é constituída por cerca de 873 famílias, totalizando aproximadamente 4.000 pessoas.² A população local, na sua totalidade, era constituída por seringueiros que tinham como principal atividade econômica a produção da borracha, no entanto com o declínio dessa atividade, os mesmos acabaram por se instalar as margens do rio, tornando-se dele dependentes e mantendo estreitas relações de subsistência, uma vez que o rio é fonte de riqueza, conhecida e vivenciada pelos membros da comunidade, através das gerações. A relação do ribeirinho com o rio não se restringe à sua utilização como meio de locomoção. O cultivo contínuo da região de várzea no período de seca, a pesca e os banhos de rio fazem parte da rotina dos ribeirinhos

Atualmente, o Miritizal é considerado um dos maiores bairros do município, e está dividido em várias localidades, começando na localidade conhecida como Olivença, passando pela Boca da Estrada (Variante), Boca do Môa, Praia Grande e pelo Estirão dos Nauás.

Na figura 01, apresentamos a vista panorâmica da entrada da cidade, com destaque para o Rio Juruá que banha a cidade e a comunidade ribeirinha do Miritizal. Na orla desse rio, pode ser encontrada a catedral Nossa Senhora da Glória, erguida em homenagem à padroeira do município.

² Dados obtidos na Secretaria de Assistência Social do município (2008).

Os ribeirinhos do Vale do Juruá



Ribeirinhos são homens, mulheres, jovens e crianças que nascem, vivem, existem e resistem às margens dos rios, e são denominados, também, caboclos. (CORRÊA, 2003). Segundo Gonçalves:

[...] ribeirinho é sem dúvida, o mais característico personagem amazônico. Em suas práticas estão presentes as culturas mais diversas que vêm dos mais diferentes povos indígenas, do imigrante português, de imigrantes nordestinos e de populações negras. Habitando as várzeas desenvolveu todo um saber na convivência com os rios e com a floresta. (2005, p.154)

Assim, vivendo instalados às margens dos rios, os ribeirinhos desenvolvem permanentemente uma estreita relação com o ambiente. Isso pode ser revelado em

diversos aspectos do cotidiano em relação à conservação do solo, da água, da fauna e da flora, que caracterizam a condição sociocultural das comunidades tradicionais. O fato de ocupar a margem do rio Juruá possibilitou a essa comunidade adaptações às condições ecológicas existentes. Nesse sentido, uma estreita relação inclui os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente. É exatamente isso o que se percebe quando se analisa o *locus* de vivência das comunidades ribeirinhas instaladas às margens do rio Juruá.

A população ribeirinha do Juruá mantém uma estreita relação com o mundo do trabalho e com a natureza, sendo esta condição essencial na produção e reprodução da vida, constituindo assim as bases materiais de sua existência. Dessa forma, o trabalho, como criador de valores de uso, como trabalho útil, é indispensável à existência do homem - quaisquer que sejam as formas de sociedade - é necessidade natural e eterna efetivar o intercâmbio material entre o homem e a natureza e, portanto, de manter a vida humana. (MARX, 1988, p. 50)

A relação histórica do homem com a natureza e com os outros homens fundamenta-se na atividade vital consciente do ser humano. Marx, nos Manuscritos econômicos e filosóficos, afirma que o homem condensa em si todas as forças da natureza, agindo sobre ela a partir de suas necessidades e afirma que “o homem vive da natureza, quer dizer: a natureza é seu corpo, com o qual tem que manter-se em permanente intercâmbio, para não morrer”. (MARX, 1988, p.164)

O rio Juruá tem diversas utilidades para a população, ele serve tanto de via de transporte, fornecedor de alimentos e água para as necessidades básicas (beber, cozinhar, lavar roupas, banhos, etc.); quanto de depósito de dejetos, uma vez que a maioria das casas que ficam às margens dos rios não possui fossas sanitárias. Assim, as enchentes do rio que termina por alagar os quintais das residências, contaminam a água - fator esse que contribui para a existência de doenças parasitárias.

As famílias ribeirinhas sobrevivem de inúmeras atividades, produzidas no cotidiano, para adquirir seus bens materiais, sua sobrevivência depende tanto do trabalho na terra para as atividades de agricultura de subsistência, quanto do seu acesso às águas onde desenvolvem atividades de pesca. Eles são em geral: catraieiros, pescadores, agricultores, empregadas domésticas que estão sendo prejudicados pela contaminação das águas do rio Juruá, tendo em vista que essa contaminação chega até os produtos que comercializam como as verduras e o peixe, que servem também para seu próprio consumo e de sua família.

A maioria de suas casas é de madeira, sendo todas de frente para o rio. As possibilidades de emprego na comunidade são limitadas e são comuns famílias grandes, constituídas por cinco ou mais crianças. As mulheres, em geral, são donas de casa, criam animais domésticos, ajudam nos trabalhos do campo, encarregam-se

dos afazeres domésticos, como cozinhar, lavar, limpar a casa e outros. Além disso, auxiliam na renda da família com plantações de mandioca, milho, feijão e cultivam pequenas hortas onde plantam verduras como: cebolinha, couve, pimenta, alface, que são comercializados nas feiras de Cruzeiro do Sul.

O rio Juruá, importante recurso hídrico da região, sofre transformações marcadas por épocas de enchente/cheia, vazante e seca. Durante o período de estiagem, as águas do rio colocam-se dentro dos limites e, nas chuvas, os campos e as matas são alagados. A pesca se configura como uma atividade, cuja condição social de produção está voltada para o mercado. O trabalho na roça é desenvolvido por todas as pessoas da família, inclusive pelas crianças, sendo incorporado no cotidiano e aprendido através da luta diária pela sobrevivência. O aprendizado do trabalho faz parte da constituição do sujeito ribeirinho e de sua formação para a vida no presente e no futuro, conseqüentemente, adquire uma conotação cultural. A reprodução dos modos de vida e trabalho é assegurada pela história oral transmitida de geração em geração.

Os ribeirinhos do Miritizal mantêm uma grande interdependência com o município, visto que contribuem de forma efetiva com a economia, abastecendo os mercados com peixes e verduras, principalmente nos meses de inverno (novembro a abril) quando o município fica sem estradas, praticamente isolado dos demais. Os ciclos sazonais interferem e ditam a dinâmica de realização de suas atividades de agricultura, da pesca e da caça. Assim sendo, o fenômeno das enchentes e vazantes regula parte do cotidiano dos mesmos, de modo que o trabalho obedece aos ciclos naturais.

Constatamos, em nossa pesquisa, que a população ribeirinha se encontra às margens das políticas públicas, de saúde e assistência social. E em face às precárias condições socioeconômicas vivenciadas, muitas pessoas, principalmente os professores, abandonaram a comunidade, pela falta de condições de trabalho e sobrevivência, vieram para o “espaço urbano” do município. Assim, a grande maioria dos professores não mora na comunidade, apenas serventes e merendeiras permanecem no local.

A comunidade é constituída por uma heterogeneidade de trabalhadores informais, entre eles, pescadores, marreteiros³, agricultores que comercializam seus produtos nas feiras do município de Cruzeiro do Sul, e catraieiros, pessoas responsáveis pelo atravessamento do rio Juruá, transportando em suas catraias⁴, passageiros e mercadorias na ligação com o município.

Podemos constatar que parte da população do Miritizal está desempregada e

3 Vendedor ambulante.

4 Canoa movida com um motor a diesel.

busca formas alternativas de assegurar a sua sobrevivência. Sob o modo de produção capitalista, o desemprego da força de trabalho é um problema social e econômico, o trabalho informal tende a continuar se expandindo, devendo generalizar-se como forma predominante nas relações de trabalho. Soares (2008) afirma que isso ocasiona a crescente precarização das relações de trabalho, o crescimento de atividades classificadas como subemprego, trabalho informal e a exclusão por completo de uma parcela significativa da classe trabalhadora do mercado de trabalho.

Entendemos, assim, que a educação pode tornar-se uma importante mediação para a conscientização dos interesses e conflitos entre os ribeirinhos que agem no ambiente, que usam e se apropriam dos recursos naturais de modo diferenciado, em condições materiais desiguais e em contextos culturais, simbólicos e ideológicos específicos. Assim, o diálogo da escola com as questões relacionadas ao trabalho e ao meio ambiente dos ribeirinhos deveria ser a base do processo educativo; os consensos e o senso de solidariedade que se constroem entre sujeitos concretos, situados socialmente, com nomes, histórias, vontades, sonhos, desejos, interesses e necessidades próprias são fundamentais para a democratização da sociedade. Como já afirma Loureiro (2009), educação é emancipação, portanto, deve instrumentalizar e preparar o indivíduo para escolher livremente os melhores caminhos para a vida que se quer levar em sociedade e em relação com a natureza.

Destacamos, portanto, que embora os trabalhadores do bairro do Miritizal, em Cruzeiro do Sul, vivenciem de forma particular o metabolismo homem-natureza, eles o vivenciam sob relações sociais próprias do modo de produção capitalista. Vale dizer, sob condições de exploração que se evidenciam pela maneira como estão articulados a reprodução social e econômica do município. Essa articulação é mediada pela sazonalidade do regime do rio Juruá, no entanto, não partilham das políticas públicas como; acesso ao saneamento básico, fornecimento de água tratada, coleta regular do lixo, da mesma forma que os moradores de outros bairros da municipalidade.

Podemos dizer então que os problemas socioambientais atingem de forma diferenciada os seres humanos, pois as relações sociais de produção são determinantes da maneira como os sujeitos experimentam sua inserção na sociedade e sua relação com o meio ambiente.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NAS ESCOLAS RIBEIRINHAS

Reconhecemos na Educação Ambiental (EA) sua dimensão educativa e defendemos a construção de uma escola que esteja em sintonia com os desafios contemporâneos. Acreditamos que a inserção da EA ao currículo das escolas ribeirinhas estimulará mudanças que poderão refletir na melhoria da educação em geral e na qualidade de vida da comunidade. A EA direciona o currículo escolar para a compreensão e

interpretação crítica da realidade não só local, mas também global, podendo contribuir para que novas relações sejam construídas entre ribeirinhos e a natureza. Nesse sentido surge um questionamento, como a EA poderá auxiliar no repensar dessa relação? Para Leff (2001) um dos princípios que a EA se fundamenta é na busca de uma nova visão de mundo, diferente da visão atualmente dominante. Portanto, na relação do ser humano com o meio ambiente, que atualmente parece se processar de forma bastante desequilibrada, dominadora, é que a EA tem um grande campo a desenvolver. Praticando um trabalho de compreensão, sensibilização e ação sobre esta necessária relação integrada do ser humano com a natureza; adquirindo uma consciência da intervenção humana sobre o ambiente que seja ecologicamente equilibrada.

A escola é um dos agentes fundamentais para a divulgação dos princípios da EA, porém deve ser abordada de forma sistemática e transversal, em todos os níveis de ensino, assegurando a presença da dimensão ambiental de forma interdisciplinar nos currículos das diversas disciplinas e das atividades escolares. Com os conteúdos permeando todas as disciplinas do currículo e contextualizados com a realidade da comunidade ribeirinha, a escola ajudará o aluno a perceber a correlação dos fatos e a ter uma visão integral do mundo em que vive. Para isso é importante que o professor trabalhe no sentido de desenvolver com os alunos uma postura crítica frente à realidade, as informações e os valores veiculados pelos meios de comunicação além daqueles trazidos pelos próprios alunos. A escola é apontada como um dos centros para a promoção da EA, para isso, é importante que ela se instrumentalize de um currículo que viabilize as ações que propiciem conhecimentos ambientais desde a Educação Infantil, num processo crescente, capaz de promover mudança de comportamento, sensibilizando, o homem em prol de sua consciência ecológica visando a um meio ambiente equilibrado.

Nesse sentido, é importante que a EA seja desenvolvida dentro de um processo participativo. Percebemos que muitas vezes as atividades de EA nas escolas ribeirinhas acontecem muitas vezes sem que haja a participação de toda a comunidade escolar, devendo ser levando em consideração os saberes que a comunidade tem sobre o meio ambiente. Para que a Educação Ambiental seja crítica, a educação deve acontecer nas relações entre os indivíduos no âmbito escolar, isto quer dizer que professores, alunos e a comunidade em geral aprendem juntos, em parceria, pois entendemos e acreditamos que a educação somente será verdadeiramente transformadora se for fruto da própria comunidade, por meio do respeito e do reconhecimento dos saberes dessas populações.

Guimarães (1995) sugere que a escola deverá, para cumprir a função de EA “extrapolando seus muros”, permitindo a participação de todos e o envolvimento

da comunidade; será preciso “ressaltar a visão crítica e criativa da escola”; possibilitar “a participação interdisciplinar e multiprofissional”; providenciar para que os programas não sejam “desenvolvidos com base e situações abstratas” e ainda buscar na comunidade as “alternativas de solução”. Assim, o processo de construção das ações educativas para Educação Ambiental deve ser um processo coletivo, dinâmico, complexo e contínuo de conscientização e participação social, que articule também a dimensão teoria e prática, além de ser necessariamente interdisciplinar. Assim, na tendência crítica estão abrigadas propostas que orientam ações educativas que contribuam para a formação crítica dos sujeitos através de processos reflexivos para discussão, compreensão e ação transformadora das relações sociais de dominação.

A ênfase na crítica da organização da sociedade desigual e no papel crítico e transformador da educação indica a teoria marxista como fundamento da pedagogia crítica. Carvalho (2004) ainda afirma que a Educação Ambiental na perspectiva crítica, leva o indivíduo a transformar “valores e atitudes”, pela e para capacidade de “[...] problematizar as questões sócio-ambientais e agir sobre elas.” (p. 157) Como forma de ação, a Educação Ambiental permite a articulação entre a educação formal (dentro da escola) e a não formal (fora da escola), e essa parceria entre a aprendizagem escolar e social leva à busca de soluções aos problemas ambientais mais significativos para os sujeitos envolvidos.

A preocupação com os problemas sociais locais ajuda a criar esse novo espaço de relações que, sem excluir a escola, a expande e constitui a comunidade como um novo ator nessa dinâmica, estabelecendo novos vínculos de solidariedade. Trata-se enfim, de gerar novas reciprocidades entre a escola e a comunidade socioambiental que a envolve. (CARVALHO, 2004, p.158)

Fundamentada no pensamento marxista, podemos compreender a educação crítica como essencialmente política, democrática, emancipatória e transformadora. Guimarães (2004) percebe a Educação Ambiental Crítica como uma contraposição que, a partir de outro referencial teórico, acredita subsidiar uma leitura de mundo mais complexa e instrumentalizada para uma intervenção que contribua no processo de transformação da realidade socioambiental que é complexa. Ao perceber a constituição da realidade como decorrente de um movimento dialético/dialógico, em que a interação de forças, seus conflitos e consensos, são estruturantes dessa realidade, debruçamo-nos sobre a relação do todo e das partes, num processo de totalização.

Portanto, está se propondo uma educação ambiental para as escolas ribeirinhas que seja crítica, transformadora e emancipatória. Crítica, na medida em que discute e explicita as contradições do atual modelo de civilização, da relação sociedade-natureza e das relações sociais que esse modelo institui. Transformadora, porque ao pôr em discussão o caráter do processo civilizatório em curso, acredita na capacidade de a humanidade construir outro futuro a partir da construção de outro presente e, assim, instituir novas relações dos seres humanos entre si e com a natureza. É também emancipatória, por tomar como valor fundamental da prática educativa a produção da autonomia dos grupos subalternos, oprimidos e excluídos, a superação das assimetrias e, conseqüentemente, a democratização da sociedade. (LOUREIRO, 2009 p. 64-65)

Os principais problemas socioambientais detectados nas localidades onde a escola pesquisada está inserida, como o lixo, a água, a malária, transformaram-se nos temas geradores dos projetos educativos desenvolvidos pela mesma. No planejamento curricular é evidente a preocupação com a água, esta tem uma grande importância na vida do ribeirinho, pois a sobrevivência humana depende desse recurso, à medida que eles utilizam o rio para a pesca, higiene, etc. Dessa forma, o modo como o educador aborda determinada temática, na realização do processo educativo, explicita a sua concepção de sociedade, o seu entendimento sobre a problemática ambiental e, conseqüentemente, a vertente da educação ambiental que está assumindo.

A EA se realizará em cada meio para que adapte as respectivas realidades, trabalhando com seus problemas específicos e soluções próprias e respeito à cultura, aos hábitos, às características biofísicas e socioeconômicas da cada localidade. Entretanto, deve-se buscar compreender e atuar simultaneamente sobre a dinâmica global; ou seja, as relações que aquele ecossistema local realiza com os ecossistemas vizinhos e com o planeta como um todo, e também as relações políticas e econômicas daquele local com o exterior, para que não haja uma alienação e um estreitamento de visão que levem a resultados pouco significativos; ou seja, agir consciente da globalidade existente em cada local. (GUIMARÃES, 1995, p.37)

A educação ambiental, nas suas diversas possibilidades, abre um estimulante espaço para um repensar de práticas sociais e o papel dos professores como mediadores e como transmissores de um conhecimento necessário para que os alunos adquiram uma base adequada de compreensão essencial do meio ambiente global e local, da interdependência dos problemas e soluções e da importância da responsabilidade de cada um para construir uma sociedade planetária mais equitativa e ambientalmente sustentável. Nesse sentido, a EA tem uma importante função a desempenhar no sentido de colaborar para uma maior integração e solidariedade

dos ribeirinhos com o meio ambiente, contribuindo para a melhoria das condições de vida, para a consolidação dos mesmos como sujeitos sociais e para a construção de uma sociedade mais justa e sustentável.

Defendemos que as escolas ribeirinhas precisam de uma educação ambiental específica, diferenciada, isto é, baseada em um contexto próprio, voltada aos interesses e às necessidades das pessoas que moram e trabalham na comunidade. Não podemos esquecer que a realidade ribeirinha é heterogênea, é diversa e, portanto, a educação ambiental deve ser articulada às demandas e especificidades de cada território, de cada localidade, de cada comunidade. A educação ambiental deve estar vinculada às causas, aos desafios, aos sonhos e à cultura desses moradores que vivem às margens dos rios amazônicos. Em outras palavras, que veicule um saber significativo, crítico, contextualizado, do qual se extraem indicadores para a ação, reforçando um projeto político-pedagógico baseado em valores como a solidariedade, igualdade, diversidade. Por essa razão, precisamos ter cada vez mais claro qual é o papel político da educação ambiental: ela não é apenas um acessório da educação, mas é uma educação que envolve a reconstrução do sistema de relações entre as pessoas, a sociedade e o ambiente natural.

A escola ribeirinha precisa estar estreitamente vinculada à realidade, ou seja, vinculada a uma cultura que se produz por meio de relações mediadas pelo trabalho, investindo em uma interpretação e compreensão complexa da realidade, que possibilite a construção de conhecimentos potencializadores de transformação dos problemas socioambientais. Essa escola tem o papel de contribuir na produção de conhecimentos e de valores para a comunidade possa viver melhor, para romper com as práticas sociais contrárias ao bem-estar público, para incluir na sociedade os que vivem às margens dos rios. Por isso, deve estar atenta às diferenças do ambiente natural, históricas e culturais, e contribuir para a formação de sujeitos responsáveis, capazes de refletir e agir sobre sua realidade, capazes de identificar, analisar, compreender e resolver problemas, capazes de cooperar e, acima de tudo, que sejam possuidores de um comportamento ético. Um dos grandes desafios para as escolas é contribuir para recriar os vínculos de pertencimento dos ribeirinhos, para que esses se reconheçam como integrantes de uma comunidade e reconstruam a sua identidade com o local em que vivem. No momento em que os sujeitos sentem-se pertencentes a um determinado território, possuem sentimentos que lhes possibilitam comprometerem-se com a realidade socioambiental respeitando suas potencialidades e seus limites. Possuir um sentimento de pertencimento ao meio e de responsabilidade por ele, conhecer e compreender o meio em que vivem e as inter-relações entre os diferentes elementos que o compõem, é condição essencial

para a conservação da diversidade biológica e cultural de um território. (CARVALHO, 2004)

Uma educação ambiental crítica e emancipatória no meio ribeirinho pode contribuir para que os indivíduos se percebam como sujeitos ativos na apropriação e na elaboração do conhecimento, seja ele referente ao mundo natural ou ao cultural, e compreendam que são agentes de mudanças na realidade em que vivem, podendo de modo responsável e solidário contribuir para a transformação das realidades. Muitas vezes, o trabalho com as questões ambientais em contextos escolares restringe-se a uma disciplina, o que contribui para simplificar a realidade. Tendem a reduzi-la a explicações isoladas, mecanicistas, lineares que impedem a compreensão da complexidade do ambiente, como o ribeirinho, por exemplo. As questões ambientais não podem ser consideradas objeto de uma determinada disciplina, tratadas de modo isolado, mas pressupõem o diálogo de saberes, por meio do qual as várias ciências contribuem para o seu estudo, orientando o trabalho escolar.

Nós, como educadores, precisamos reconhecer, cada vez mais, o valor de outros saberes, além do saber científico para a educação ambiental, tais como os saberes cotidianos, saberes construídos a partir da experiência e saberes populares. Desse diálogo, podem surgir outros novos saberes, que podem revelar-se úteis, adequados e que podem ter uma grande significação contextual. Por essa razão esse diálogo é uma das características fundamentais em processos educativos que visam à transformação. Portanto, a EA nas escolas ribeirinhas deve ser eminentemente interdisciplinar, orientada para a resolução de problemas locais. Deve ser participativa, comunitária, criativa e valorizar a ação. Deve ser uma educação crítica da realidade vivenciada, formadora da cidadania e transformadora de valores e atitudes através da construção de novos hábitos e conhecimentos, criadora de uma nova ética, sensibilizadora e conscientizadora para as relações integradas ser humano/sociedade/natureza objetivando o equilíbrio local e global, como forma de obtenção da melhoria da qualidade de todos os níveis de vida.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A população pesquisada é constituída por moradores e professores da comunidade ribeirinha do Miritizal no município de Cruzeiro do Sul/ Acre. Pertencer à comunidade escolar foi o primeiro critério de elegibilidade dos sujeitos colaboradores da pesquisa. A escola pesquisada é da rede pública municipal, a escolha dessa escola deu-se devido a sua proximidade com o rio Juruá e também por ser a que possui a maior clientela de alunos no Ensino Fundamental.

Para o desenvolvimento dessa pesquisa, utilizamos orientações metodológicas que se mostraram compatíveis com a natureza do objeto de estudo, tendo em vista os objetivos a que nos propomos. Assim, foi realizada pesquisa de campo de natureza qualitativa, pois segundo Ludke e André (1986, p.11) a pesquisa qualitativa supõe o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. A investigação foi realizada com base em entrevista semiestruturada que caracteriza-se por ser realizada a partir de um roteiro de perguntas previamente elaborado pelo pesquisador, com o propósito de conduzir a entrevista de acordo com o objetivo da pesquisa, ressaltando-se o fato de que novas questões e colocações podem surgir ao longo do processo, não estando, assim, nem o entrevistador nem o entrevistado limitados ao roteiro inicial. A entrevista foi realizada com os professores do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental na Escola Nise Varela e também com a comunidade ribeirinha, que teve um universo de 10 unidades familiares, os critérios para a escolha dessas famílias foram: primeiro, pertencerem à comunidade com filhos matriculados na respectiva escola, em seguida possuírem moradia próxima à escola e, por último, possuírem diferentes profissões, a entrevista deu enfoque aos aspectos socioeconômicos, qualidade ambiental e relação dos moradores com o ambiente local.

Esse instrumento nos deu a oportunidade de diagnosticar os saberes, as práticas e as percepções da comunidade escolar ribeirinha em relação ao trabalho e às questões ambientais da região. Segundo Brandão (2002, p. 37), as entrevistas contribuem para a construção do objeto, na medida em que [...] permitem focalizar as condições de produção do discurso [...] e avaliar, não apenas o conteúdo das respostas, mas as condições de obter as informações pertinentes (formas de perguntar) para o problema em investigação. Essas entrevistas funcionam, ainda, como uma espécie de termômetro que permite distinguir as questões mais delicadas (do ponto de vista da intimidade dos entrevistados) daquelas menos embaraçosas (invasivas). O que está em questão sempre, no caso das entrevistas, é menos a deformação ou veracidade das respostas do que a compreensão da lógica de produção do sentido pelo entrevistado.

Outro instrumento utilizado foi a observação participante que de acordo com Lüdke e André (1986) permite que o observador chegue mais perto da perspectiva dos sujeitos apreendendo sua visão de mundo, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e as suas próprias ações. Isso nos tem permitido, ao longo da pesquisa, analisar as questões sócio-econômicas e ambientais que caracterizam a realidade da comunidade ribeirinha do município de Cruzeiro do Sul-Acre.

Conforme descreve Becker (1994, p. 47):

O observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização o que estuda. Ele observa as pessoas que está estudando para ver as situações com que se deparam normalmente e como se comportam diante delas. Entabula conversação com alguns ou com todos os participantes dessa situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.

Concordando com Becker, a observação participante é uma “forma de desvendar os significados simbólicos”, o que pode nos auxiliar e interpretar as comunicações simbólicas que se estabelecem nas relações intersubjetivas. Com base nessas observações, estaremos, nessa investigação, não só buscando a percepção dos professores e dos moradores da comunidade acerca das questões ambientais e do mundo do trabalho, como também pesquisando os reflexos dessa percepção sobre suas praticas pedagógicas.

RESULTADOS ALCANÇADOS

Os moradores ribeirinhos do Miritizal possuem baixo desenvolvimento sócio-econômico local, com suas atividades essencialmente domésticas ou voltadas para a subsistência. As respostas ao questionário e os depoimentos evidenciaram que os mesmos possuem bom entendimento dos impactos das atividades humanas predatórias sobre o ambiente. Os moradores avaliaram como ações prioritárias para a comunidade a coleta de lixo e a construção de poços para o consumo de água potável, visto que as águas do rio Juruá encontram-se inadequadas para o consumo devido a contaminação das águas por acúmulo de lixos que vem prejudicando a qualidade de vida das famílias ribeirinhas.

Os ribeirinhos do Juruá já enfrentam graves problemas tanto sociais quanto ambientais como: a falta de água potável, pois o poço que abastece a comunidade não consegue atender a demanda de todos os moradores. A falta de coleta de lixo também é outro problema grave, normalmente os moradores fazem queimada no fundo do quintal ou jogam nas margens do rio Juruá.

A idéia principal de problemas ambientais nos relatos dos moradores ribeirinhos encontra-se direcionada as questões de saneamento básico. A maior parte dos moradores considera como problema ambiental a falta de coleta de lixo, a falta de poços com água potável. Poucas pessoas reconhecem que o lixo jogado no rio prejudica a qualidade da água, o desbarrancamento de suas margens, causado pelo desmatamento nas margens do rio, a poluição dos rios, as queimadas, a diminuição da pesca e outros sejam considerados problemas ambientais e que os afetam diretamente.

Quanto à disposição dos resíduos sólidos na comunidade, a prática mais comum é a queima do lixo e o aterro no fundo do quintal das casas. Nenhum dos entrevistados declarou depositar o lixo no leito ou à beira do rio. Observou-se, entretanto, que as margens do rio Juruá encontram-se uma grande quantidade de sacolas plásticas depositadas.

A escola ribeirinha pesquisada atende filhos de pescadores, agricultores, domésticas e diaristas. Na escola nem todos possuem um conceito definido acerca do que é Educação Ambiental, mas todos enfatizaram que é necessário trabalhar as temáticas ambientais na escola, e que cada um dos envolvidos no processo de ensino-aprendizagem (professores, diretora, coordenadora e pessoal de apoio) devem tomar conhecimento dessas temáticas afim de tornar os moradores da comunidade mais conscientes e a estimulá-los a mudarem seus hábitos sociais e ambientais.

Em suas práticas ambientais os docentes enfatizam a questão do lixo e da água porque estes são os maiores problemas enfrentados pelos ribeirinhos na comunidade. Nesse sentido, abordar as temáticas ambientais no contexto ribeirinho é de fundamental importância, pois somente assim os alunos reconhecerão o significado e a importância de cuidar do ambiente em que vivem, passando a estabelecer relações entre as causas da realidade social e econômica em que estão inseridos e as conseqüências ambientais vividas por eles. A professora J. C. R.⁵ afirma que:

[...] somente uma parte do bairro recebe a água de um poço artesiano, a outra parte, que é a parte de baixo, tem um poço que ainda não tem caixa e algumas vezes as pessoas vão lá pegar água para beber, então é no rio mesmo e a gente sabe que o rio é a coisa mais poluída que tem, porque tudo desbota dentro do rio Juruá a coleta do lixo e esse ano, uma vez fizeram a limpeza do rio, levaram o lixo de balsinha, pra cá nunca fizeram isso, limparam o caminho e mais nada. Na escola as meninas pegam o lixo e os catraieiros levam e jogam o lixo lá no mercado, as garrafas são levadas pra lá, os papéis são queimados porque não tem pra onde jogar.

De acordo com alguns professores, os moradores não têm consciência do problema em questão, pois jogam o lixo nas margens e até mesmo dentro do rio, por isso procuram ensinar os alunos a enterrar ou a queimar o lixo doméstico, já que a comunidade não dispõe de coleta de lixo regular. Segundo os professores, durante o ano de 2009 foi feita a coleta de lixo pela prefeitura nas margens do rio, somente uma única vez e que a coleta desse lixo foi feita apenas nas proximidades do bairro,

5 A professora citada trabalha na Escola 21 de Abril, anexo a Escola Nise Varela, com o 2º ano do Ensino Fundamental e para a sua identificação utilizaremos as letras iniciais do seu nome.

expressando apenas uma preocupação (estética) por parte da prefeitura devido à proximidade da cidade.

Sabemos que não é fácil educar, transformar e mudar a ação dos homens, por isso, um dos grandes desafios da educação é ajudar o aluno a superar suas dificuldades, visando assim melhorar o meio em que vive.

Os professores entrevistados não tiveram, em sua formação superior uma disciplina específica que tratasse das temáticas ambientais e acreditam que é de fundamental importância a Educação Ambiental (EA) se tornar uma disciplina obrigatória nos cursos de formação de professores, pois assim, os futuros profissionais da educação, terão oportunidades de adquirir conhecimentos teóricos e práticos para trabalhar a EA nas escolas de maneira mais consistente e fundamentada.

A forma que os professores ribeirinhos utilizam para introduzir o enfoque interdisciplinar são os projetos, que consistem em buscar diferentes soluções para problemas específicos da comunidade como o lixo, contaminação da água, malária, higiene, assim os professores das diferentes disciplinas intervêm através de ações diferenciadas na busca da solução desses problemas. Sabemos que é não obrigação da escola resolver tais problemas ambientais, mas é obrigação da escola desenvolver o interesse pelo conhecimento e a capacidade de julgamento nas pessoas que compartilham a mesma realidade, para que ela possam contribuir na construção coletiva de um ambiente melhor, ou seja, desenvolver nos cidadãos a consciência de seus direitos e deveres, sendo assim o trabalho com projetos interdisciplinares de EA pode contribuir muito para isso.

Nas falas dos entrevistados sobre as questões referentes às práticas de EA nos permitiram identificar as maneiras como a temática ambiental vem sendo incorporada na escola. Os professores buscam incorporar a temática ambiental nos conteúdos programáticos de suas disciplinas e que o desenvolvimento de projetos com temas que permeiam a EA é uma prática que vem acontecendo com intensa frequência. A equipe da escola tem uma grande preocupação com questão do lixo jogado no rio, por esse motivo já realizou projetos na comunidade de forma a sensibilizar os moradores, fazendo a limpeza do rio e colocando placas nas margens no combate a prática tão comum que os moradores têm de que tudo que não presta deve ser jogado no rio.

Apesar dos professores afirmarem que abordam em suas aulas os problemas ambientais do bairro, observa-se poucas mudanças no ambiente físico da comunidade, pois o lixo ainda está muito presente no entorno da escola; a falta de participação da comunidade nos projetos desenvolvidos também é outro fator preocupante, pois de nada adianta tentar sensibilizar as crianças se isso não se estende aos pais. Acreditamos que é necessário um maior diálogo entre a comunidade e o poder público para a melhoria das condições socioambientais da mesma no sentido de exigir, por

exemplo, a coleta regular do lixo e a água tratada, pois não podemos perder de vista que as mudanças da realidade socioambiental e das posturas dos indivíduos dependem da Educação Ambiental; sem ela não se faz essa transformação. Porém, é preciso compreender que a EA não faz milagre, para mudar algumas coisas, são necessários investimentos, políticas públicas, envolvimento das instituições, comprometimento das pessoas, etc... Por outro lado, só os investimentos, sem o devido acompanhamento de processos educativos, tem pouca eficiência em termos de melhoria ambiental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para os moradores ribeirinhos do Miritizal, a qualidade ambiental esta mais relacionada à infra-estrutura urbana do que a ambiental, consideram o ambiente em seus aspectos naturais, com o ser humano dissociado da natureza, mas dependente dela para sua sobrevivência.

As comunidades ribeirinhas do rio Juruá se desenvolveram e permanecem como verdadeiras testemunhas das modificações que gradativamente foram acontecendo na região. Apesar de tudo, são fortemente impregnadas de uma sabedoria que só se adquire na convivência com elementos que são comuns na sua história. Elementos que permeiam o cotidiano dessas comunidades e que remetem para uma preocupação com a continuidade das mesmas, da sua diversidade cultural, biológica e social, reconhecendo a sua própria importância e a da identidade ali construída.

Como educadores e formadores de professores devemos reconhecer a responsabilidade social que tem a Universidade em incluir nos currículos temas que contribuam para ampliar as discussões sobre as causas dos problemas ambientais, indo à raiz das relações sociais de produção e reprodução da vida, particularizadas nessa região do Brasil. Defendemos ainda que a articulação entre as questões ambientais, o mundo do trabalho e o currículo escolar é uma estratégia pedagógica que poderá dar mais sentido às atividades realizadas pelos professores do Miritizal. Ao aproximar a vivência escolar das questões do cotidiano da comunidade estará explicitando melhor os interesses desta e os conflitos por ela vivenciados, esse já seria um passo para uma ação pedagógica mais crítica e emancipadora.

Todas as ações desenvolvidas na escola pelos professores e alunos, devem ter o objetivo de contribuir na consciência global das questões relativas ao meio, onde cada um de nós possa dar uma parcela de contribuição, por menor que seja. Com essa nova perspectiva podemos verificar que grande parte do trabalho realizado na escola pesquisa, volta-se para atender as necessidades básicas da comunidade do Miritizal e, visando a qualidade de vida, na qual possam utilizar os recursos naturais sem causar danos ambientais e respeitando as condições de sustentabilidade e

renovabilidade dos recursos, para formar cidadãos conscientes de suas ações e para preservar o ambiente ribeirinho acreano.

REFERÊNCIAS

- BECKER, Howard S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- BRANDÃO, Z. **Pesquisa em educação: conversas com pós-graduandos**. Rio de Janeiro: PUC-Rio/São Paulo: Loyola, 2002.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. São Paulo: Cortez, 2004.
- CORRÊA, S. R. M. Comunidades rurais - ribeirinhas: processo de trabalho e múltiplos saberes. In: OLIVEIRA, I. A. **Cartografias ribeirinhas: saberes e representações sobre prática sociais cotidianas de alfabetizando amazônidas**. Belém: CCSE-UEPA, 2003.
- GONÇALVES, C.W.P. **Amazônia, Amazônias**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GUIMARAES, Mauro. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995.
- _____. Educação Ambiental Crítica. In: LAYRARGUES, P. P. (org.). **Identidades da educação ambiental brasileira**. Brasília: MMA, 2004. p. 25-34.
- LEFF, Enrique. **Epistemologia ambiental**. São Paulo, Cortez, 2001.
- LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. **Trajetórias e fundamentos da educação ambiental**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.
- MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. 7. ed. São Paulo: Global, 1988.
- SOARES, Marcos Antonio Tavares. **Trabalho informal: da funcionalidade à subsunção ao capital**. Vitória da Conquista: Uesb, 2008.

